

# OS INSTRUMENTOS DE “RESISTÊNCIA” DA FEIRA LIVRE DO CORDEIRO FRENTE ÀS DEMAIS FORMAS COMERCIAIS NA (RE)PRODUÇÃO ESPACIAL

*THE “RESISTANCE” INSTRUMENTS OF CORDEIRO’S STREET FAIR FACING OTHERS  
COMMERCIAL FORMS AT THE SPATIAL (RE)PRODUCTION*

ROGÉRIO LUIZ SOUTO CAVALCANTI<sup>1</sup>

## RESUMO

As formas, as estruturas e os processos de atuação dos agentes socioespaciais têm exigido dos cientistas humanos e sociais (geógrafos, historiadores, urbanistas, sociólogos, economistas, antropólogos, entre outros) novas formas de entender as ações destes agentes socioespaciais no tecido urbano. Diante desta perspectiva, este estudo foca a dinâmica contemporânea da Feira Livre do Cordeiro, zona Oeste da cidade do Recife-PE, como um espaço de “resistência” comercial na (re)produção do espaço urbano, tecendo uma reflexão sobre os mecanismos de atuação dos feirantes diante das transformações e requalificações dos mercados “modernos” (hiper e supermercados) na economia capitalista globalizada sob a lógica do capital (comercial, financeiro, imobiliário, industrial etc.) no espaço intraurbano recifense. A metodologia utilizada para a reflexão a seguir foi amparada em leituras teórica acerca das feiras livres na lógica capitalista, como a aproximação do objeto de pesquisa por meio de trabalhos de campo com o intuito de interagir e compreender as formas de “resistir” dos feirantes na frente às demais formas comerciais, especialmente os supermercados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feira Livre; estratégias; mercado “tradicional” e “moderno”; dinâmica comercial; Recife/PE.

## ABSTRACT

The forms, structure and the processes of actuation of the socio-spatial agents have required from the human and social scientists (geographers, historians, planners, sociologists, economists, anthropologists, among others) new ways to understand the actions of those socio-spatial agents in the urban tissue. On this perspective, this study focus the contemporary dynamic of the Free Market of Cordeiro, west of the city of Recife-PE, as a space of commercial “resistance” in the (re)production of the urban space, weaving a reflection on the mechanisms of action of stallholders on transformations and requalification of “modern” markets (hyper and supermarkets) in the capitalist economy globalized under the logic of the capital (commercial, finance, real state, industrial, etc.) in the urban space of Recife. The methodology utilized for the reflection below was supported by theoretical readings of the markets in the capitalist logic, as the approximation of the object of research through field works in order to interact and understand the ways the venders in the market resist to other commercial forms, specially the supermarkets.

---

<sup>1</sup> Geógrafo, Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE). E-mail: cavalcanti\_rg@yahoo.com.br

**Key words:** Free Market; strategies; “traditional” and “modern” market; commercial dynamic; Recife-PE.

## INTRODUÇÃO

Os espaços intraurbanos e suas múltiplas complexidades e dinamicidades são derivados das ações – de ordem hegemônica ou não hegemônica – dos agentes sociais, as quais resultam em rugosidades ditas *tradicionais* ou *modernas*. Dessa maneira, as diversas ações são condicionadas a partir de interesses conjugados, como nos aponta Corrêa (2012) ao analisar os papéis que os agentes sociais na produção do espaço:

A produção do espaço, seja o da rede urbana, seja o intraurbano, não o resultado da “mão invisível do mercado”, nem de um Estado hegeliano, visto como entidade supraorgânica, ou de um capital abstrato que emerge de fora das relações sociais. É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade. (CORRÊA, 2012, p.43 – grifo do autor)

Assim, as formas e os processos de atuação dos agentes socioespaciais, por sua vez, têm exigido dos cientistas humanos e sociais (geógrafos, historiadores, urbanistas, sociólogos, economistas, antropólogos, entre outros) novas formas de entender as ações destes agentes socioespaciais no tecido urbano. Porém, compreender estes arranjos requer, também, que o pesquisador realize uma análise (crítica) sobre a eficiência e a eficácia da atuação do (novo) Estado na atual conjuntura capitalista – movido pelo processo de globalização denominada por Santos (2008a) de meio técnico-científico-informacional –, o qual cria condições favoráveis e/ou desfavoráveis as multifaces e objetivos dos atores sociais empreenderem suas ações nos espaços intraurbanos periféricos.

Já que,

[...] muitos reconhecem que o capitalismo pode ser visto como uma imensa e complexa fábrica, influenciando direta e indiretamente as condições de vida e as perspectivas de indivíduos e coletividades, povos e nações, em todo o mundo. Como toda fábrica, literal e metaforicamente, gerenciada por poucos, em benefícios de alguns e em prejuízo de muitos. Suas realizações revelam-se notáveis, às vezes edificantes, muitas vezes terrificantes. Em geral, o capitalismo tem sido visto como o emblema do progresso, evolução e modernização, bem como da democracia e cidadania. Mas tem sido visto também como o emblema da decadência, pauperismo e intolerância, bem como da tirania e barbárie. Parece uma fábrica enlouquecida, com a qual se produzem coisas e ilusões, tanto quanto guerras e destruições. (IANNI, 2004, p.9)

As feiras livres (“teatro” confuso e organizado composto por sons, movimentos e cores) nos tecidos urbanos são constituídas, de modo geral, a partir dos modos de resistência e das

permanentes funcionalidades (social, cultural e econômica) originadas das atividades rurais. Nesse parâmetro, Diniz (2004) fundamenta a importância que as feiras livres detinham na concentração e na diversidade econômica ao abastecer as populações dos povoados, vilas e campos, ou seja, caracteristicamente assumindo papéis de centralidades socioeconômicas e culturais nos espaços por elas influenciadas.

Por outro lado, a modernização e a expansão do circuito comercial varejista, a partir da conjuntura mercadológica atual e do novo ciclo de acumulação capitalista, com base na sistematização de novas técnicas configuradas pelo meio técnico-científico-informacional<sup>2</sup>, assim como as novas formas de consumo das sociedades fundamentam outras funcionalidades às feiras livres. Conforme Sá (2011) esta atividade “tradicional” encontra-se associada à dinâmica capitalista<sup>3</sup>, baseadas no escoamento da produção local<sup>4</sup> e na venda de produtos industrializados, a exemplo, vestuários, produtos de decoração, eletrônicos, utensílios domésticos, alimentos, dentre outros.

As feiras livres da cidade do Recife constituem em locais de constantes práticas socioespaciais e na conjuntura contemporânea dos espaços intraurbanos, fragmentados e competitivos, este dinamismo comercial não permanece concentrado, exclusivamente, aos pátios das feiras, mas dispostas, também, em suas proximidades, no qual concede fator de atração aos comerciantes locais.

Portanto, o enfoque sobre as feiras livres do Recife/PE deve-se a sua importância popular nos bairros já que, segundo Mora (2003), as feiras livres não aparecem, de modo geral, ser o foco de estudo pelos especialistas porque “a distribuição das feiras livres possuem uma natureza arbitrária, ou seja, o seu padrão de distribuição na rede urbana não segue uma ordem lógica e sim é tratada como um conjunto de feirantes que as dão forma” (MORA, 2003, p.107).

---

<sup>2</sup> “[...] momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência e de técnica.” (SANTOS, 2008a, p.132);

<sup>3</sup> Contextualizado por David Harvey (2011) como “esferas da atividade”, desta forma, este termo “diz respeito à produção de novas formas tecnológicas e organizacionais. Alterações nessa esfera têm efeitos profundos nas relações sociais, bem como na relação com a natureza. Mas também sabemos que tanto as relações sociais quanto a relação com a natureza estão mudando de maneiras que não são determinadas pelas tecnologias e formas organizacionais. Além disso, há situações em que a escassez da oferta de trabalho ou natureza coloca pressões fortes para que sejam encontradas novas tecnologias e formas organizacionais” (HARVEY, 2011, p.103);

<sup>4</sup> Entendemos que esse tipo de atividade remete a produção proveniente do interior do Estado e de outros Estados brasileiros e não, necessariamente, aos produtos originados na capital pernambucana.

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

Notadamente, as observações a seguir têm o objetivo de refletir sobre os mecanismos de atuação dos feirantes da Feira Livre do Cordeiro (figura 1), zona Oeste da cidade do Recife, diante das demais formas comerciais no cenário urbano recifense.



**Figura 1 – Vista panorâmica da feira livre do Cordeiro**  
Fonte: Google Maps. Elaboração: Rogério Cavalcanti, 2013

Ciente deste desafio acadêmico, entendemos que as feiras livres nas áreas urbanas, apesar de serem consideradas como mercado varejista complementar, configuram-se como objetos preponderantes na produção e reprodução do espaço intraurbano. Portanto, a análise acerca do objeto em questão na cidade do Recife/PE é condicionado pelas reflexões de ordem crítica que estamos trilhando junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE).

#### **AS FEIRAS LIVRES NA LÓGICA CAPITALISTA**

Não são raras as abordagens e as reflexões sobre as feiras livres no contexto urbano e suas implicações na dinâmica urbana, especialmente no contexto brasileiro. Contudo, os estudos a respeito das atividades comerciais têm privilegiado a expansão das formas “modernas” como os supermercados, hipermercados, *shopping centers*, entre outros.

No entanto, é possível citar alguns estudos que abordam as diferentes análises acerca de feiras livres. Destacamos Dantas (2007) que pontua as modificações na dinâmica socioespacial da feira livre em Macaíba/RN entre os períodos de 1960-2006 analisando

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

realizando uma análise sobre a evolução comercial de Macaíba e o resgate histórico da feira. Destaque deve ser dado ao trabalho de Jesus (1992) sobre as feiras no Rio de Janeiro e sua visão de manutenção e estratégias dos feirantes diante dos espaços de consumo moderno. Sá (2011) que aborda os feirantes, em especial na Feira de Caruaru, sobre a perspectiva sociológica ao questionar quem são e como administram seus negócios.

Diante disso, destacamos alguns olhares sobre este espaço social como: a modernização e as transformações das feiras livres e do espaço comercial urbano, as práticas econômicas e socioculturais, as formas de manutenção e estratégias dos feirantes diante dos mercados varejistas “modernos”, entre outros<sup>5</sup>.

Em linhas gerais, as contribuições sobre as feiras livres realizam análises e leituras com base em suas atuações e influências em âmbito local. Todavia, partimos do questionamento: Qual o papel e que tipo de práticas socioespaciais as feiras livres<sup>6</sup> realizam na produção e organização do espaço diante dos instrumentos de planejamento e gestão urbanos na lógica capitalista?

Sendo assim, Freyre (2011) aponta a importância dos estudos sobre os mercados varejistas ao contextualizar que,

Os mercados públicos (e também as feiras, além dos estabelecimentos que fazem parte do comércio tradicional das cidades), há tempos são objetos de estudos da Geografia, mas o interesse poderia ser maior. O estudo de lugares e equipamentos comerciais como os mercados públicos municipais, tornam-se temas importantes de pesquisa para a ciência geográfica, posto que consentem, através de seu desenvolvimento, entender as transformações porque vêm passando as cidades, sobretudo as brasileiras, muitas delas abrigando esses antigos equipamentos que tendem a desaparecer e dar lugar às novas formas que abrigam o comércio, temática que merece uma análise mais aprofundada. (FREYRE, 2011, p.3)

Ao analisar o fragmento descrito, é importante destacar que Freyre (2011) chama atenção para o desaparecimento dos mercados públicos frente à economia globalizada e o surgimento, nestes (antigos) espaços, de outros empreendimentos comerciais (hipermercados) ou a requalificação desses locais caracterizando cenários contemporâneos. No entanto, essa discussão não recai, exclusivamente, aos mercados públicos, mas podemos direcionar esta linha de pensamento ao contexto das feiras livres, nos quais, aparentemente, perdem consumidores

---

<sup>5</sup> Em linhas gerais, queremos ressaltar que as abordagens acerca deste objeto e suas implicações e facetas no processo urbano são fundamentais para novas reflexões;

<sup>6</sup> Ao referenciar as feiras livres neste texto, estamos destacando as contribuições dos atores sociais envolvidos, especialmente os feirantes e suas práticas estratégicas de manutenção diante do mercado varejista dito “moderno”.

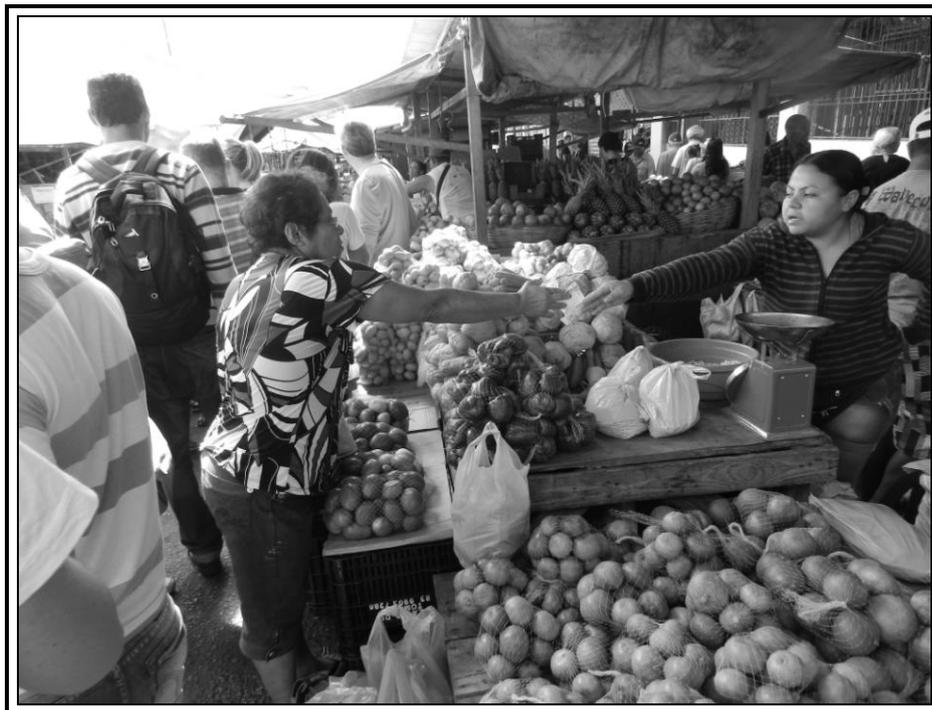
CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial. pelas facilidades em crédito, higienização, segurança, mobilidade e pelos outros serviços especializados oferecidos por estes empreendimentos aos consumidores.

Por outra perspectiva, convém ressaltar que os consumidores dos hipermercados não contemplam as sociabilidades e as práticas dos feirantes e/ou não percebem o (rico) ambiente e os movimentos na paisagem (figura 2), como assinala Freyre:

Os modernos equipamentos de venda a varejo, tais como os supermercados, não dão (ou não criam) a oportunidade do indivíduo, do simples consumidor, estabelecer laços de uma futura amizade com outras pessoas nos momentos em que se abastece, durante suas compras, nem uma suposta fidelidade mútua com o vendedor, isto é, não há muito diálogo, proximidade entre pessoas, não se desfruta de modo diferente desse tipo de lugar, etc. (FREYRE, 2011, p.1-2)

Na contextualização de Costa (2010, p.174),

O encontro, a conversa, a troca simbólica, o discurso são elementos que se incluem na troca material. Passar pelas ruas tomadas pelas “barraquinhas” é contato, encontro com o outro, ver outras mercadorias, outras pessoas. Os sentidos são aguçados: são percebidos sons, odores, cores, movimentos, as pessoas esbarram uma nas outras, desviam uma das outras, fala-se mais alto, anda-se mais à vontade, misturam-se ricos e pobres, brancos e negros, criança jovens e adultos...



**Figura 2 – Sociabilidade entre o freguês e o feirante.**

Fonte: CAVALCANTI, 2013

Porto (2005) traça uma ordem cronológica das feiras livres ou mercados periódicos, como exemplifica o referido autor. No entanto, é importante ressaltar que esta cronologia refere-se aos moldes europeus ao afirmar que:

Na antiguidade, quando o homem primitivo deixa de ser simplesmente coletor e passa a ser produtor de seus alimentos, começa então a comercializar o excedente da produção. Na Idade Média, as feiras livres perdem sua importância, uma vez que os grupos humanos fixaram-se predominantemente no espaço rural. Na chamada “Era Moderna”, os espaços livres de comercialização ganham novo significado, e as cidades passam a ser lugares privilegiados para o comércio, sobretudo nas feiras livres. Chega-se então à contemporaneidade, na qual o capitalismo impulsiona o processo de urbanização e a atividade de compra e venda é transferida, na maioria das grandes cidades, para as grandes redes de supermercados. Nesses três períodos da história, as cidades projetaram-se no espaço diferentemente. Na antiguidade, elas estavam presentes em poucas civilizações. Esparta e Atenas são exemplos de como as cidades constituíam-se em verdadeiros reinos da civilização grega e possuíam em seu espaço uma grande diversidade de serviços, serviços esses, em sua maioria, ligados à guerra. Na era seguinte, com a desestruturação do sistema feudal e o nascimento e desenvolvimento do comércio, surgem uma grande quantidade de vilas, que mais tarde se tornariam cidades, conhecidas na época como burgos. A vida urbana ganha força com o surgimento de mais serviços, todos eles, em sua maioria, ligados ao urbano da época, nesse caso, as atividades voltadas ao manufaturamento, ao artesanato e ao comércio. No atual momento, o homem elegeu a cidade como *locus* de reprodução da vida, nela concentra-se a maioria da população do Planeta, concentração essa determinada pela forma como o sistema capitalista transforma as relações campo-cidade, transformações que provocaram, desde a metade do século XX, o “inchaço” das cidades, sobretudo daquelas do mundo subdesenvolvido. Não é propósito deste trabalho discutir a produção das feiras nesses três períodos, porém, em cada um deles, elas estiveram presentes, com menor ou maior intensidade, no cotidiano dos que habitavam o espaço urbano (PORTO, 2005, p.24-25 – grifos do autor).

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que as atividades econômicas, consideradas “tradicionais”<sup>7</sup> ou “modernas”<sup>6</sup>, atuam, diante de suas funcionalidades, como vetor de

---

<sup>7</sup> “De contornos muito imprecisos, o uso deste conceito, sem que se tenha efectuado uma acurada investigação histórica sobre o termo, começa a ganhar consistência na década de setenta, altura em que se implantam no país as primeiras grandes superfícies de dominante alimentar (supermercados e hipermercados), e com estas se assiste à difusão do livre-serviço, técnica *tradicionalmente* ausente ou sem expressão na esmagadora maioria dos estabelecimentos do tecido comercial português. Visto nesta perspectiva, a popularização do conceito no nosso país, como em qualquer outra parte do mundo, encontra-se, necessariamente, ligada ao desabrochar da ‘revolução comercial’, e por conseguinte, à difusão dos novos formatos de estabelecimentos (centros comerciais, hipermercados, grandes superfícies especializadas, parques temáticos, lojas de descontos, ...), às ‘novas’ técnicas de venda e estratégias de gestão das lojas que a esta se encontram intimamente associadas. [...]. Deste modo, se os novos formatos, as novas técnicas de venda e as novas estratégias de gestão de empresas, associadas à revolução comercial, rompem com o *status quo* do tecido comercial até então existente, talvez a melhor forma de discutir o conceito de distribuição ‘tradicional’ com as dos novos formatos que, sem grande rigor de

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial. centralidade do “poder local” no processo de organização e concentração espacial com base no consumo dos atores sociais, como fundamenta Castilho (1998).

No contexto contemporâneo, as feiras livres encontram-se dispersas pelas áreas urbanas, em virtude da expansão intraurbana, possibilitando a ampliação das relações de trocas comerciais e, ao mesmo tempo, refletem o caráter multifuncional e dinamizador ao centralizar suas atividades em uma área específica que, por sua vez, condicionam o surgimento de novas centralidades.

A concepção que a lógica capitalista contemporânea direciona aos habitantes da cidade os aspectos (estético, econômico, cultural, social, arquitetônico, entre outros) das feiras livres condiciona as formas de pensar em um espaço deteriorado, sem “vida” ou qualquer adjetivação de caráter negativo – o que torna o discurso naturalizado como verdade (figura 3). Interpretações deste porte permitem aos habitantes dos espaços urbanos a construção e a transmissão de símbolos destoantes das realidades das feiras livres locais, contudo, devemos deixar claro que esta perspectiva de pensamento é concretizada a partir do conjunto de ações do Estado em outros espaços intraurbanos na promoção de condições favoráveis ao processo de acumulação e aceleração do capital dos atores econômicos hegemônicos.

---

análise, por oposição às primeiras, iremos apelidar de ‘modernas’. (FERNANDES et al., 2000, p.11 – grifos dos autores)



**Figura 3 – Visão parcial da Feira Livre do Cordeiro, zona Oeste da cidade do Recife/PE.**  
Fonte: CAVALCANTI, 2013

Por ora não iremos refletir ou aprofundar sobre os instrumentos e os padrões visuais que o Estado utiliza para “vender” os espaços urbanos aos atores solventes, pois acreditamos ser necessário item específico por se tratar de uma discussão teórica e, dessa forma, possibilitar a construção de explicações críticas a um objeto, do ponto de vista urbano, que vem ganhando foco pelo poder municipal da cidade do Recife devido às políticas de requalificação e de reordenamento nos espaços públicos comerciais nos bairros periféricos.

Por isso é conveniente situar a nossa discussão sobre as feiras livres na esfera capitalista, as quais Sá (2011) destaca que elas apresentam um papel na ordem mundial contemporânea.

[...] é preciso olhar para a feira e para seus feirantes como também sendo membros da ordem mundial contemporânea e não apenas como representações folclóricas de um regionalismo nordestino – que, obviamente, tem seu papel em termos de representação identitária e histórica de um povo, mas que não nos faz substantivamente diferentes em termos dos dramas de povos de outros países, situados na geopolítica mundial em condição periférica similar à nossa, também vivem. (SÁ, 2011, p.33)

O mesmo autor acentua que:

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

[...], o comércio de feira é ainda hoje uma atividade de importância central à vida de muitos brasileiros. No interior do Nordeste, em particular, é mantida por parte significativa da população o hábito de se fazer compras semanais em feiras livres. Embora seja atividade que tem origem anterior a este tipo de capitalismo do qual aqui tratamos de início, este tipo de comércio está hoje acoplado à sua dinâmica contemporânea. (SÁ, 2011, p.37)

O entendimento sobre as feiras livres somente como espaços de trocas econômicas é evidenciado nos diversos trabalhos, mas é importante destacarmos a potencialidade social e cultural condicionado pelos sujeitos neste palco de atuação. A partir de tal abordagem, Dantas (2007, p.25) conceitua as feiras livres como “local onde se estabelecem várias formas de atividades econômicas e sociais”. Porém, como evidenciado em Cavalcanti (2013), ao analisar a feira livre do Cordeiro, Recife/PE, estes espaços, apesar de continuarem sendo de grande importância para o abastecimento local (seja nas pequenas, médias e grandes cidades brasileiras), necessitam utilizar estratégias de manutenção como *lócus* de resistência diante da tecnificação dos espaços e dos objetos<sup>8</sup> pelas formas comerciais “modernas” por meio das transformações macroeconômicas e expansão das corporações globais.

Por outro lado, as feiras nos núcleos urbanos ou rurais nordestinos apresentam características e funcionalidades centralizadoras ao materializar as produções e reproduções nos espaços por elas apropriados. As transformações são decorrentes das mudanças nos padrões de consumo das sociedades contemporâneas os quais refletem, dessa forma, nas maneiras de adaptação das feiras livres as formas comerciais e, como aponta Dantas (2007), integradas ao grande circuito de trocas comerciais.

Devido o nível de integração com a forma de organização social nordestina, as feiras estão profundamente envolvidas nos sistemas de mercado regional. Assim, na maioria das vezes, elas deixam de ser um fato rotineiro para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira. (DANTAS, 2007, p. 87)

Na concepção de Santos (2008b),

É assim que o espaço está sempre mudando em sua fisionomia, em sua fisiologia, em sua estrutura, em suas aparências e em suas relações. A celeridade das mudanças deve-se, substancialmente, à novidade das forças que portam e à sua incidência sobre os objetos. Estes, mesmo recentes, são

---

<sup>8</sup> Os objetos que nos servem são, cada vez mais, objetos técnicos, criados para atender a finalidades específicas. As ações que contêm são aprisionadas por finalidades que raramente nos dizem respeito. Vivemos em um mundo exigente de um discurso, necessário à inteligência das coisas e das ações. É discurso um discurso dos objetos, indispensável ao seu uso, e um discurso das ações, indispensável à sua legitimação. Mas ambos esses discursos são, frequentemente, tão artificiais como as coisas que explicam e tão enviesados como as ações que ensejam. (SANTOS, 2008a, p.61).

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

rapidamente trocados, revalorizados ou desvalorizados. (SANTOS, 2008b, p.213)

Portanto, o enfoque nas feiras livres no espaço urbano recifense, deve-se a sua importância como mercado periférico e complementar nos bairros já que, segundo Mora (2003), as feiras livres não parecem, de modo geral, ser o foco de estudo pelos especialistas porque “a distribuição das feiras livres possuem uma natureza arbitrária, ou seja, o seu padrão de distribuição na rede urbana não segue uma ordem lógica e sim é tratada como um conjunto de feirantes que as dão forma.”<sup>9</sup> (MORA, 2003, p.107).

### **OS INSTRUMENTOS DE “RESISTÊNCIA” DA FEIRA LIVRE DO CORDEIRO FRENTE ÀS DEMAIS FORMAS COMERCIAIS NA (RE)PRODUÇÃO ESPACIAL**

A materialização das ações dos agentes socioespaciais na (re)produção dos espaços intraurbanos contemplam estratégias e papéis contraditórios. Os resultados destas ações são, por sua vez, derivados de múltiplos elementos com a finalidade de atender os diversos interesses dos modos de produção e de acumulação capitalista nos setores urbanos e rurais que estão interligados aos contextos econômicos, sociais, culturais e políticos.

Dessa forma, a economia urbana, a partir da criação de estratégias pelos grupos capitalistas hegemônicos, condiciona as (re)estruturações, as integrações e as fragmentações das “antigas” com as “novas” formas espaciais, os quais fundamentam novas visualizações sobre as cidades com base na maior produtividade e no consumo massificado (ponto-chave na fluidez das pequenas e grandes empresas comerciais) estabelecidos pelo sistema fordista de produção.

Maricato (2007) ao tratar sobre a política urbana na periferia do capitalismo nos aponta que,

É evidente que a publicidade insistente e a mídia, de um modo geral, têm um papel especial na construção da representação ideológica da cidade, destacando os espaços de distinção. É evidente também que essa representação é um instrumento de poder – dar aparência de “natural” e “geral” a um aspecto que é parcial e que nas cidades está associado aos expedientes de valorização imobiliária. Nunca é demais lembrar que a proximidade de pobres acarreta a desvalorização imobiliária ou fundiária. (MARICATO, 2007, p. 63)

Neste princípio, a relação comércio-cidade-consumo estrutura os novos processos de produção dos espaços comerciais compostos pelas formas “tradicionais” e “modernas”. A

---

<sup>9</sup> Tradução livre do espanhol ao português.

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

coexistência dessas modalidades comerciais são vetores de modernização, especialmente pela existência neste cenário dos atores hegemônicos, o que necessariamente não fazem parte exclusivamente do rol das formas comerciais “modernas” que compõem a dinâmica comercial das cidades.

Diniz & Castilho (2009), ao analisarem essa conjugação e influência desses vetores de modernização na cidade de Campina Grande, Paraíba, afirmam que o declínio dos comércios “tradicionais” favoreceu a abertura de novos empreendimentos comerciais.

Dessa maneira,

A expansão dos mercados de médio e grande porte (mercadinhos, supermercados) dinamizou o comércio citadino local, criando um novo tipo de consumo vinculado aos padrões da modernidade contemporânea. Opondo-se a essas modernas formas espaciais do comércio, as tradicionais feiras (principalmente a *Feira Central*) da cidade resistiram significativamente à expansão daqueles mercados, os quais cresceram também dentro dos próprios espaços do comércio popular. (DINIZ & CASTILHO, 2009, p. 46 – destaque dos autores)

Nota-se, dessa forma, o processo de “resistência” sublinhado por Diniz e Castilho nas tradicionais feiras livres ou nos mercados periféricos locais diante da expansão das atividades comerciais contemporâneas, não se torna um evento exclusivo em Campina Grande, mas é notório perceber este evento em centros urbanos brasileiros como Recife.

Por sua vez, este evento resulta nas crises evidenciadas pela dinâmica e flexibilização do trabalho somado à crise vivenciada pelo sistema capitalista, o qual afetou (in)diretamente os mercados “modernos” ocasionando, dessa maneira, novas formas de ocupação e de geração de renda. Outro elemento de destaque nesse parâmetro são as baixas remunerações, assim como as constantes insatisfações, tornam-se fatores atrativos para a migração ou geração de novas ocupações.

A combinação desses elementos direciona os indivíduos a entrarem e permanecerem nos mercados periféricos e complementares como meio de sobrevivência familiar, o que condiciona, de maneira geral, a percepção da “resistência” por parte dos trabalhadores, que em quase sua totalidade, já fizeram parte do trabalho formal.

Por outro lado, os “novos” espaços comerciais, dispendo de diversos recursos modernos, como o *marketing*, atendendo aos desejos da clientela mais abastada da cidade, distancia-se, largamente, da grande massa consumidora a qual permanece como que “à margem”

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

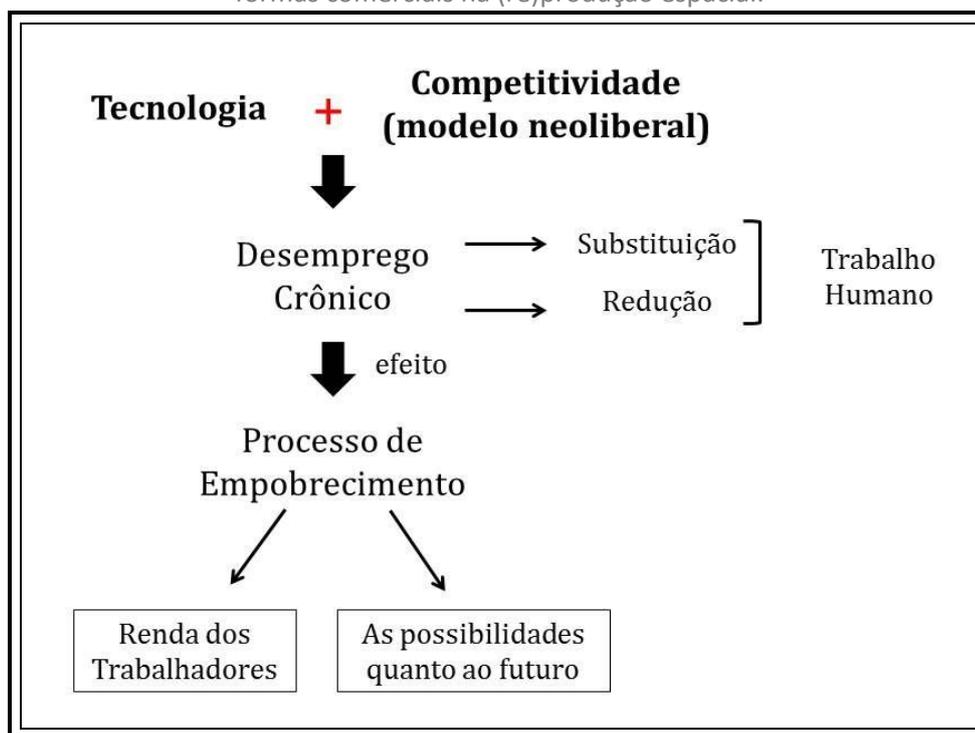
dos novos espaços de consumo. O que não quer dizer, contudo, que estes segmentos sociais não participem do modelo de mercado implantado.

Isso porque, a crescente agregação tecnológica reorienta e redireciona as estratégias das grandes redes de supermercados com a finalidade de aumentar, de maneira geral, cada vez mais, os faturamentos mensais. Novas tecnologias de autosserviço estão sendo adotados pelos mercados “modernos” e com isso novas modificações no cenário estrutural do setor condicionam pontos estratégicos diante das concorrências nos mercados capitalistas.

Além disso, as flexibilidades (externas e internas)<sup>10</sup> e as transformações nos estabelecimentos comerciais, observadas com as constantes modernizações, ocasionam uma reestruturação nos processos de organização do trabalho, dos mercados de trabalho e dos produtos e padrões de consumo. Por sua vez, os modelos tecnológicos e competitivos (configurado pelo pensamento neoliberal) das estruturas produtivas resultam na redução da renda dos trabalhadores e na redução das possibilidades quanto ao seu futuro, as quais estão interligadas pelo desemprego crônico (substituição ou redução do trabalho humano, figura 4).

---

<sup>10</sup> De acordo com Oliveira (2011, p. 204), “a flexibilidade interna está ligada à necessidade de treinar o pessoal contratado diretamente pela empresa, criando trabalhadores polivalentes capazes de enfrentar as novas situações que, a todo o momento, surgem no processo de trabalho em razão de sua ligação mais estreita com a esfera do consumo. A flexibilidade externa seria exemplificada pela subcontratação, terceirização etc. Tanto num como noutro caso ocorre a eliminação dos que são considerados incapazes de se adaptar às novas demandas impostas pelas novas tecnologias e formas de organização.”



**Figura 4 - Representação do sistema flexível trabalhista.**

Elaboração: CAVALCANTI, 2013.

As estratégias de manutenção dos mercados, centrais e periféricos, perante o capitalismo contemporâneo, voltam-se a diferentes escalas, em outras palavras, as distintas “resistências” aplicadas pelos agentes sócio espaciais são fatores fundamentais e condicionam a sobrevivência nos mercados intraurbanos. Portanto, a identificação das configurações e dos aspectos que caracterizam os modos de “resistência” da Feira Livre do Cordeiro e, por que não as outras feiras situadas no Recife, não é um trabalho fácil, haja vista os atrativos decorrentes das formas comerciais “modernas”.

Neste contexto, pode-se interpretar que a compreensão da feira livre do Cordeiro como um mercado de atuação local e complementar é estabelecida pela possibilidade de atender às necessidades crescentes da circulação de pessoas com variados (alto, médio e baixo) rendimentos e de mercadorias de consumo de massa (com pequenos tamanhos e de preços relativamente baixos), assim como a relação com as atividades econômicas, a exemplo dos supermercados próximos à feira livre em destaque.

No entanto, alguns pontos podem ser listados e analisados, a exemplo dos produtos com qualidade e preços diferenciados, relações sociais com os clientes, visibilidade e localização espacial da feira livre, organização trabalhista interna (familiar e, em raros casos, uma relação

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

patrão-empregado) e pela mobilidade com que os feirantes estão dispostos em outras feiras nas proximidades do recorte espacial analisado. Dessa forma, os dados descritos pelos atores sociais locais são considerados preponderantes, grosso modo, meios de sustentabilidade e manutenção diante das complexidades conjunturais (econômica, social e política) que os mesmos visualizam perante aos mercados “modernos”.

A qualidade e os preços dos produtos praticados no espaço comercial, devido aos cuidados dos atores locais com os materiais, são fatores atrativos pelo seu arranjo estético, em comparação aos oferecidos pelos supermercados, por esse motivo que este último prefere comercializar produtos industrializados e embalados pelos fabricantes devido ao processo de manuseio dos funcionários, de acordo com Jesus (1992).

Este processo qualitativo é contextualizado por Jesus (1992) ao afirmar que:

É incontestável que a feira livre, em determinados aspectos, oferece ao consumidor um serviço de qualidade superior a qualquer outro congênere. Não fosse esta característica a feira possivelmente não persistiria, pois não haveria este afluxo de volumosa clientela que diariamente garante sua reprodução enquanto atividade comercial. Em função de sua natureza de atuação em grande escala, aos supermercados muitas vezes é inviável padronizar determinados produtos, oferecer o sortimento desejado ou aquele produto fresco (principalmente em pescado e olericultura), o que é quase uma exclusividade da feira livre. (JESUS, 1992, p. 113)

Na linha de pensamento descrito, os feirantes utilizam a tática do atendimento personalizado produzido pelo processo de barganha entre os comerciantes e os fregueses que contempla, de modo geral, execuções de regras táticas (acordos, negociações, cooperações e competições). Em outras palavras, os feirantes jogam com os clientes ao percebem a indecisão e a manifestação que os mesmos fazem diante dos preços, pois “*o objetivo é que o comprador leve a mercadoria e retorne*” afirma um dos feirantes.

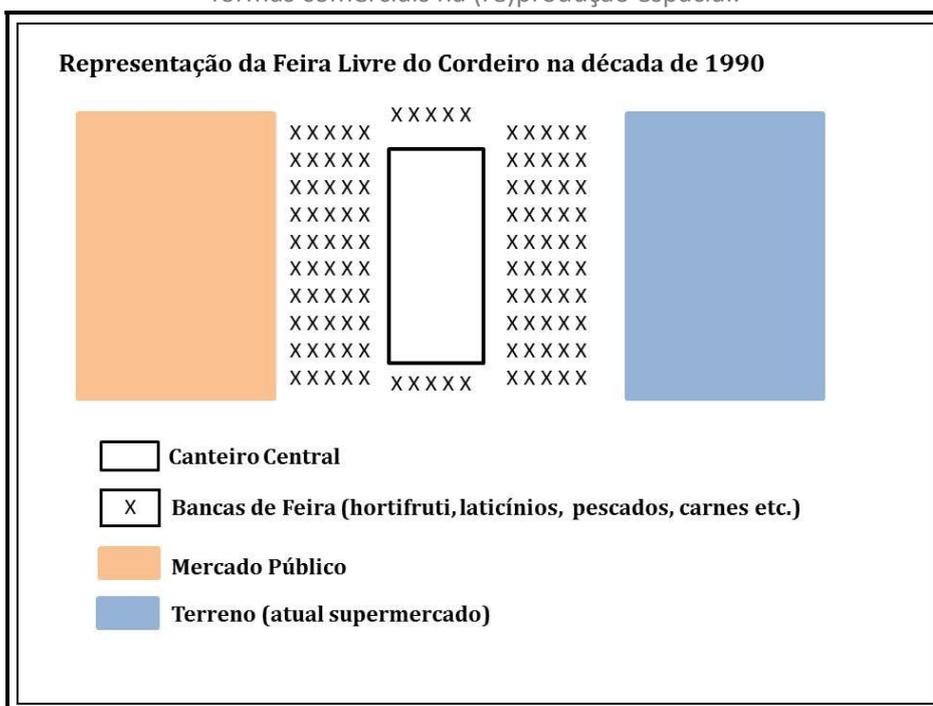
O aspecto analisado na feira livre do Cordeiro condiciona a proximidade dos feirantes com os fregueses, ou seja, a relação feirante-freguês em algo particular e remete às questões socioculturais, o que não encontramos nos corredores dos supermercados. Nesse contexto, os comerciantes conhecem as mercadorias que determinados clientes costumam levar para as suas residências. Esse parâmetro reforça o forte diálogo entre os participantes da feira, seja os feirantes ou clientes, como estratégia e, dessa forma, a manutenção da dinâmica do recorte espacial.

A visibilidade dos produtos está intimamente relacionada aos preços e à questão da localização dos bancos dos feirantes. Nesse caso, os passantes/fregueses visualizam as mercadorias pela beleza (qualidade) e param para conferir o produto oferecido pelo feirante, de acordo com dos feirantes entrevistados, o freguês pode nem ter ido ao local para frequentar o espaço da feira, mas ao perceber a mercadoria, ele se aproxima (como ocorreu no tempo em que estávamos conversando) e compra a mercadoria exposta.

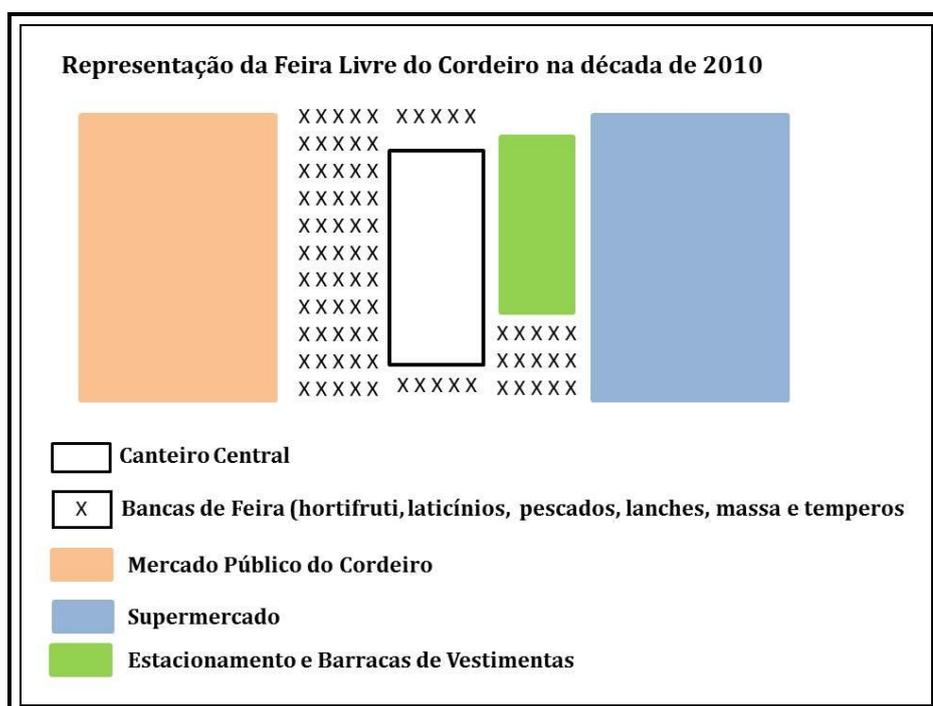
A respeito da mobilidade intraurbana dos feirantes, ou seja, a “*ampliação do raio físico de atuação*” (JESUS, 1992, p. 113) torna-se ponto chave, modelo estratégico dos feirantes diante da discussão. Nesse caso, os feirantes não ficam presos a um local específico e, assim, ampliam os focos de comercialização concentrando, em dias determinados, os espaços a serem frequentados pelos mesmos.

A organização trabalhista interna, caracteristicamente familiar, é outro elemento condicionador para a permanência das atividades dos feirantes. Nesta relação, os atores sociais tendem a reduzir os custos de produção e, conseqüentemente, aumentar a lucratividade, já que não necessitam realizar os pagamentos de impostos e encargos trabalhistas podendo, dessa forma, contar com o ajudante em todos os momentos da prática comercial. No entanto, é importante frisar que este modelo de relação é variável, haja vista a curta duração dos familiares, especialmente filhos e netos, na atividade, devido às oportunidades encontradas no setor formal, como afirmam alguns feirantes.

Para tanto, a configuração contemporânea da feira livre é oposta ao relatada pelos feirantes na década de 1990, como é possível analisar nas figuras 5 e 6. O arranjo atual do recorte espacial é justificado, por alguns feirantes, devido ao não prosseguimento da atividade pelos filhos dos feirantes antigos e, em hipótese, pela instalação de alguns supermercados, especialmente ao lado da atual feira livre. Com isto, os espaços ocupados antes (1990) pelas barracas dos feirantes são ocupados, no cenário atual (2013), por poucas barracas de vestimentas e como estacionamento de veículos.



**Figura 4 - Representação da Feira Livre do Cordeiro na década de 1990.**  
Elaboração: CAVALCANTI, 2013.



**Figura 6 - Representação da Feira Livre do Cordeiro na década de 2010.**  
Elaboração: CAVALCANTI, 2013 – Nota: A configuração representada retrata o período relatado pelos feirantes a partir da década de 2010, embora o cenário no contexto atual (2013) seja o mesmo.

Sato (2012), ao analisar algumas feiras livres nos bairros Vila Mariana, Paraíso e Praça da Árvore na cidade de São Paulo, aponta que as mudanças no comportamento das sociedades contemporâneas contribuíram para a queda de movimento nas feiras livres foi condicionado pela busca por alimentos de consumo rápido e pelos congelados nas grandes redes de supermercados.

Na contextualização realizada, podemos delimitar os pontos positivos indicados a partir das análises feitas nos trabalhos de campo no recorte espacial, no entanto, outros aspectos no *locus* em questão podem contribuir para o significativo recuo dos fregueses às feiras livres e, conseqüentemente, aumento dos consumidores às redes de supermercados.

Dentre as quais podemos salientar: a falta de higienização do ambiente de alguns comerciantes no manejo dos produtos. Neste ponto, alguns fregueses informaram que a ausência de limpeza da área perante os órgãos públicos e dos feirantes contribui para o mau odor do local associado à atração de insetos e animais vetores de doenças; a organização interna dos feirantes, o que dificulta o deslocamento dos fregueses no pátio da feira; e a estética das barracas não tornam o espaço, visualmente, desorganizado, segundo algumas conversas com clientes.

Diante dos quadros estratégicos analisados, Fernandes et al. aponta para os seguintes aspectos:

Naturalmente, dado o perfil das empresas destas duas categorias de comércio, as estratégias que norteiam a sua gestão são também claramente diferentes. Se tivermos em conta o seu posicionamento face ao mercado, os níveis de modernização tecnológica, a sua forma de organização, e a maneira como lidam com os recursos humanos, poderá dizer-se que enquanto as primeiras (tradicionais) têm um comportamento passivo, isto é, não seguem estratégia alguma, ou quanto muito, desenvolvem estratégias meramente reactivas, procurando por essa via adaptar-se às mudanças do mercado, investindo na redecoration das lojas, na introdução de um ou outro serviço, como as formas de pagamento automático ou a concessão de crédito, fazendo obras de remodelação, as segundas (modernas) tendem cada vez mais a desenvolver estratégias pró-activas. Isto é, apoiadas nos seus departamentos estratégicos, de investigação, desenvolvimento e *marketing*, lançam no mercado inúmeras inovações (novos produtos, novos formatos de lojas, novos serviços, novas estratégias de gestão, ...), que lhes permitem ter uma relação completamente diferente com a mudança. Não só se adaptam com facilidade aos desafios que esta levanta como também participam directamente na sua construção. Todas as estratégias assinaladas no Quadro I, começando pela procura de economias de escala, passando pela redução dos custos, até à segmentação segundo diferentes nichos de mercado ou a conquista de novos mercados geográficos, muitas vezes pela via da internacionalização, quando apareceram representaram para as empresas importantes fontes de mais-valia e de diferenciação. Na verdade, estas só o deixam de ser quando a sua reprodução, por parte de um vasto conjunto de empresas, as transformam numa banalidade,

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial. que se torna necessário superar através da introdução de novas inovações. (FERNANDES et al., 2000, p. 15-16)

Portanto, as diferentes estratégias (produtos com qualidade e preços diferenciados, as relações sociais com os clientes, visibilidade e a localização espacial da feira livre, a organização trabalhista interna – familiar e, em raros casos, uma relação patrão-empregado – e pela mobilidade com que os feirantes) utilizadas pelos feirantes estabelecem, a primeiro momento, o favorecimento do segmento na economia urbana. Contudo, temos que considerar o poder local de negociação que os feirantes apresentam como a estratégia primordial de manutenção, embora, também, tenhamos em mente que os mercados contemporâneos e suas formas de aplicabilidade de capital definem ou definirão, em parte, os *modus operandi* utilizados pelos comércios “tradicionais”, a exemplo das feiras livres urbanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as estratégias de manutenção contemporâneas dos feirantes diante da ampliação das redes de supermercados e das demais formas comerciais, numa perspectiva mercadológica local e global dos segmentos comerciais, não é uma tarefa simples.

Por outro lado, esse (rico) cenário de práticas sócio espaciais, em outras palavras, “essas ‘maneiras de fazer’ [...] pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 2008, p. 41 – destaque pelo autor) revelou múltiplos olhares, especialmente geográficos, aos mercados varejistas.

Partindo desta leitura, procuramos salientar a importância em escala local que a feira livre representa como mercado complementar e hierarquizado, mesmo que de maneira indireta. E, dessa maneira, cumpre novas funções de abastecimento e de dinamismo de ordem econômica e simbólico-cultural ao resistir aos fenômenos externos e, grosso modo, a ausência de interferência dos órgãos públicos no processo de transformação local.

Em sentido amplo, certamente podemos afirmar que as práticas comerciais estabelecidas na feira livre do Cordeiro são caracterizadas pelo circuito econômico inferior, no entanto, entendemos que algumas características aplicadas à teoria descrita e encaixadas no recorte espacial analisado merecem algumas ressalvas, a exemplo da organização, estoques e dependência direta com o exterior.

Deste modo, a compreensão da feira livre do Cordeiro, assim como as demais feiras livres da cidade do Recife, como modelo comercial dinâmico e resistente, é destacada pelas estratégias de manutenção diante dos modernos equipamentos comerciais. Sendo assim, temos que concordar com Dantas (2008, p. 99) ao contextualizar que:

Mesmo com a difusão dos modernos equipamentos de comércio e de consumo pelas cidades, as feiras permanecem como um dos elementos que marcam a paisagem das cidades em todo o Nordeste, influenciando sobremaneira a dinâmica socioespacial desses núcleos urbanos. Assim, podemos afirmar que as feiras se apresentam como formas cristalizadas nas cidades e um lócus de resistência às mudanças ocorridas no plano da comercialização, distribuição e consumo. No entanto, é imperativo afirmar que elas não apenas se opõem às modernizações, mas, também, buscam adaptar-se a todas essas mudanças, permitindo a reprodução das condições de vida daqueles que dela necessitam.

Logo, foi por meio da interação com os feirantes que a compreensão deste cenário tem importância socioeconômica e simbólico-cultural, ou seja, leva a crer que pela valorização e identidade de pertencimento no espaço torna o ponto fundamental e estratégico para que este ambiente rico em significados locais.

Este painel é apontado por Lira (2011), quando a autora analisa as feiras de confecção nos Agreste pernambucano, no entanto, a visão colocada pela autora refere-se à participação dos feirantes na organização do espaço das feiras:

As feiras livres são espaços de troca de mercadorias, que proporcionam aos comerciantes que delas participam uma organização do espaço e do tempo em suas atividades; haja vista serem mercados periódicos garantem aos agentes envolvidos a participação em outras atividades, além das feiras. A relevância da feira para a comercialização das confecções é fundamental, porque garante aos pequenos comerciantes a possibilidade de exporem as mercadorias, sem despendem dos elevados custos da montagem de lojas permanentes. (LIRA, 2011, p. 123)

A partir dos diálogos com os feirantes, foi revelada outra dinâmica que podemos relacionar como estratégia diante das considerações deste estudo. O circuito de feiras, mediante o deslocamento dos feirantes para as feiras livres secundárias<sup>11</sup> localizadas no bairro do Cordeiro e em bairros próximos (Engenho do Meio, Torrões, Zumbi, Prado e San Martin), em dias distintos das principais feiras nos bairros descritos.

---

<sup>11</sup> Faço referência a este termo por entender que as feiras localizadas nos eixos viários dos bairros citados não fazem parte do circuito de feiras, contanto com 17 feiras livres e 2.900 bancas, reconhecido pela PCR.

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

Portanto, a execução destes modelos estratégicos pelos feirantes condicionam, de alguma forma, os arranjos de manutenção e resistência das feiras perante os investimentos voltados a empreendimentos comerciais possibilitando, dessa forma, a complementação deste segmento no circuito comercial recifense.

## REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Cláudio. **As atividades dos Serviços, sua História e o seu Papel na Organização do Espaço Urbano: uma “nova” perspectiva para a análise geográfica?** *Revista de Geografia*, Recife: UFPE/DCG-NAPA, v.14, n1-2, p.29-89, jan/dez, 1998. Versão Revisitada.
- CAVALCANTI, Rogério Luiz Souto. **A dinâmica atual da feira livre do Cordeiro, Recife-PE: circuitos econômicos urbanos, funcionalidades e aspectos do comércio varejista “tradicional” e “moderno”.** Recife, PE, 2013. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer; 14.ed. tradução de Ephaim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço**: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). *A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. – 1.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012, p.41-51.
- COSTA, Carmen Lúcia. **Cultura, Religiosidade e Comércio na Cidade: a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás**. Orientadora: Ana Fani Alessandri Carlos. – São Paulo, 2010. Tese (Doutorado Acadêmico em Geografia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2010.
- DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006)**. Natal, RN, 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – UFRN, 2007.
- DINIZ, Lincoln da Silva. **As bodegas da cidade de Campina Grande: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro de José Pinheiro. – Recife, 2004**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE, 2004.
- \_\_\_\_\_; CASTILHO, Cláudio. **Faces atuais do espaço comercial em Campina Grande/PB: considerações sobre a coexistência de formas modernas e tradicionais do comércio na “nova” dinâmica sócio-espacial**. *Revista de Geografia*, Recife: UFPE/DCG-NAPA, v.26, nº2, mai/ago p.40-60, 1999.
- FERNANDES, José A. Rio; CACHINHO, Herculano; RIBEIRO, Carlos V. **Comércio tradicional em contexto urbano – dinâmicas de modernização e políticas públicas**. *Observatório do Comércio*, Porto:

CAVALCANTI, R. L. S. Os instrumentos de “resistência” da feira livre do Cordeiro frente às demais formas comerciais na (re)produção espacial.

- Gabinete de Estudos para o Desenvolvimento e Ordenamento do Território – Faculdade de Letras da Universidade de Porto, Portugal, 2000.
- FREYRE, Ana Lucy Oliveira. **As Formas Comerciais e o Espaço Urbano: o papel dos mercados no entendimento sobre as transformações da cidade.** In: *XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana – Ciência e Utopia: por uma Geografia do Possível*, 2011, Belo Horizonte – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2011.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo.** – São Paulo, SP: Boitempo, 2011.
- IANNI, Octavio. **Capitalismo, violência e terrorismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989.** In: *Revista Brasileira de Geografia / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* – Rio de Janeiro, v.54, n.1, jan./mar. – Rio de Janeiro: IBGE, 1992, p.95-120.
- LIRA, Sônia Maria de. **Muito além das feiras da sulanca: a produção de confecção no Agreste/PE.** – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- MARICATO, Ermínia. **Globalização e política urbana na periferia do capitalismo.** In: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro, Orlando Alves dos Santos Junior (org.). *As metrópoles e a questão social brasileira.* – Rio de Janeiro: Revan, Fase, 2007.
- MORA, Rodrigo. **Comercio Informal y Estructura Urbana Periférica: una metodología de analisis de las feiras libres.** *Boletín del Instituto de la Vivienda.* Diciembre, año/vol.18, número 048. Universidad de Chile. Santiago, Chile, 2003, pp.106-114.
- OLIVEIRA, Bianca Simoneli. *Revista Formação, Presidente Prudente: NESP/Campus Presidente Prudente*, v. 02, n. 15, 2008, p.100-109.
- PORTO, Gil Carlos Silveira. **Configuração sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia.** – Salvador, 2005. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Federal de Bahia, Instituto de Geociências – UFBA, 2005.
- SÁ, Marcio. **Feirantes: quem são e como administram seus negócios.** – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional.** 5.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** – 4.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.
- SATO, Leny. **Feira Livre: organização, trabalho e sociabilidade.** – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.